Capitalismo, por Joseph Goebbels

"Vale lembrar antes de submeter-se à essa leitura de que a visão de socialismo do movimento nacional-socialista não se tratava do mesmo socialismo soviético, embora podemos notar que o materialismo histórico de Marx tem raiz em Hegel, e que a crítica capitalista do nacional-socialismo por sua fez tenha raiz em Marx e consequentemente em Hegel, indo até Heráclito Éfeso em aproximadamente 500 anos antes de Cristo, suas visões sobre a sociedade e economia são totalmente diferentes.

O nacional-socialismo alemão tem como objetivo atingir um estado melhor de relações interpessoais e por um fim na exploração do capitalismo através da consciência humana e com a sabedoria de conduzir a economia levando em consideração os direitos naturais, tais como a propriedade, assim como em um "regime capitalista".

O que o nacional-socialismo compreende é que o capitalismo está na cabeça das pessoas, assim como o sentimento socialista, e não no sistema econômico ou nas leis, e o que determina se um povo tem uma cultura socialista ou capitalista é como ele age perante com o outro: com interesse no dinheiro -

capitalismo -, ou com senso de humanidade acima do interesse lucrativo - socialismo.

Embora os soviéticos tenham planificado a economia, buscando por um fim na exploração e distribuir a renda de maneira igualitária eles erraram, e apenas pioraram a economia de seu povo, o que não aconteceu com a Alemanha, que se recuperou de maneira formidável da crise, no que chamaram de "milagre econômico" sob o modelo nacional-socialista."

Características da atual crise financeira mundial são encontradas neste ensaio sobre o Capitalismo. Além da data do artigo, chama atenção sua autoria:

<u>Joseph Goebbels</u>

"Democrática província do dinheiro"

Capitalismo não é uma coisa, mas sim uma relação para com ela. Não são as minas, fábricas, imóveis e terrenos, instalações ferroviárias, dinheiro e ações, as causas de nossa necessidade social, mas sim o

abuso destes bens do povo. O capitalismo não é nada mais que a usurpação do capital do povo e, de fato, esta definição não encontra sua definição na limitação da pura economia. Ela tem sua validade ampla em todas as áreas da vida pública. Ela representa um princípio. Capitalismo é, sobretudo, o uso abusivo dos bens comuns, e a pessoa, que comete este abuso, é um capitalista.

Uma mina existe para fornecer carvão ao povo, para que ele tenha luz e calor. Fábricas, casas, propriedades e terrenos, dinheiro e ações, existem para estar a serviço do povo, e não para tornar escravo um povo. A posse destes bens não proporciona somente direitos, mas deveres. Propriedade significa responsabilidade, e não apenas com seu próprio bolso, mas perante o povo e seu bem-estar. No início, as minas estavam lá para servir à produção, e a produção existe para servir ao povo. Não foi o dinheiro que descobriu as pessoas, mas sim as pessoas que inventaram o dinheiro, e para que ele lhes sirva, e não para que as subjugue.

Se eu abuso dos bens econômicos para torturar e fazer sofrer o meu povo, então eu não sou digno da posse destes bens. Então eu inverto o sentido da vida no seu oposto, eu sou um capitalista da economia. Se eu

promovo abuso de bens culturais, por exemplo, eu aproveito da religião para motivos econômicos ou políticos, então eu sou um mau administrador do bem a mim confiado, um capitalista cultural. O capitalismo se transforma num instante nas mais intragáveis formas, onde os motivos pessoais, para quais ele serve, se sobrepõem ao interesse de todo o povo. Parte-se então das coisas e não das pessoas. O dinheiro torna-se então o eixo, em torno do qual tudo gira.

No Socialismo é o contrário. A cosmovisão socialista começa no povo e então avança sobre as coisas. As coisas se submetem ao povo; o socialista coloca o povo sobre tudo, e as coisas são só meios para se atingir os fins.

Apliquemos esta premissa na vida econômica, então resulta a seguinte situação:

Em um sistema capitalista, o povo serve à produção, e esta é dependente por sua vez do poder do dinheiro. O fantasma do dinheiro triunfa sobre a presença viva do povo.

Em um sistema socialista, o dinheiro serve à produção, e a produção serve ao povo. O fantasma dinheiro se submete à comunidade orgânica de sangue – povo. O Estado pode ter nestas coisas somente um papel regulador. Ele revela os eternos conflitos entre capital e trabalho, seu caráter destrutivo. Ele é o juiz entre ambos, mas que age implacavelmente quando o povo está ameaçado. Existe para ele somente uma clara decisão, seja como for. Se ele se coloca numa disputa econômica ao lado hostil ao povo – pode ser tão nacional como quiser – então ele é capitalista. Ao contrário, caso ele sirva à justiça, e que é análogo à necessidade estatal, então ele é socialista.

Tão claras e transparentes possam parecer estes fundamentos da teoria, tão difíceis e complicados eles são na prática política. Eles dependem de milhares de questões individuais de caráter técnico ou comercial, de condições macro-econômicas globais e embaraços políticos mundiais. Mas esses problemas são insolúveis para um povo que interiormente não tenha caráter e seja exteriormente um escravo. Este é o caso hoje da Alemanha. Para nós não é colocado o debate, se Socialismo ou Capitalismo. Nós precisamos trabalhar para nossos opressores e não temos tempo para pensar em Socialismo, para não mencionar que

mesmo que tivéssemos também a modesta possibilidade, seria difícil colocá-lo em prática.

Este foi o erro crucial do proletariado alemão naquele infeliz 18 de novembro de 1918: pode se perder uma guerra, deixar acontecer uma revolução, e apesar disso pode-se derrubar um Estado capitalista e erigir em seu lugar um Estado socialista. Isso só foi possível com as armas. Ninguém conseguiu na história mundial estabelecer uma nova cosmovisão – e o Socialismo é uma – através de uma capitulação, mas somente com resistência e ataque. 1918 apresentou aos socialistas alemães somente uma missão: manter as armas e defender o Socialismo alemão. Isso não foi feito. Conversa-se e realizam-se revoluções, mas o trabalhador alemão não nota que com isso ele apenas segura o cabide para seu pior inimigo, o capital internacional.

O resultado desta tolice é a anarquia de hoje. No papel uma Democracia social; na prática uma plantação do capital internacional. Ao contrário, nós nos posicionamos para a defesa. Como somos socialistas, queremos que o dinheiro sirva ao povo, por isso nos rebelamos contra esta situação, preparem a vontade para romper com um sistema insuportável, que dos

escombros da democrática província do dinheiro, levante o Estado nacional alemão.

15 DE JULHO DE 1929.

Joseph Goebbels, O ataque – Extratos da época de luta, 1935, p. 188-190

Publicado originalmente em 17/10/2008. - Grupo Nacional Socialismo 2.0